

**ΤΦ** – “Terras Quentes” Associação de Defesa do Património  
Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros – **PC 506385965**  
(*Instituição de Utilidade Pública nos termos do Decreto-Lei 460/77*)

## **RELATÓRIO**

Núcleo de Pintura Mural na Igreja de S. Miguel, Castro Roupal, Vinhas

Lécio da Cruz Leal  
Lília M. Pereira da Silva

História da Arte

12 de Abril de 2006

**Sede:** Núcleo Central do Parque Natureza do Azibo, Apartado 110 – 5340 *Macedo de Cavaleiros*

Tels. 278488007 – 936761011 – e-mail [carlm@sapo.pt](mailto:carlm@sapo.pt) site: [www.terrasquentes.com.pt](http://www.terrasquentes.com.pt)

**Título:** Núcleo de Pintura Mural na Igreja de S. Miguel, Castro Roupal, Vinhas

**Organização:** “Terras Quentes”, Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros

**Autores:** Lécio da Cruz Leal, Lília M. Pereira da Silva

**Área Científica:** História da Arte

**Data:** 2004/04/12

## ÍNDICE

**Resumo** (p. 4)

**Relatório** (pp. 5-8)

**Conclusão** (p. 9)

**Imagens** (p. 10)

**1** (p. 11)

**2** (p. 12)

**3** (p. 13)

**4** (p. 14)

**5** (p. 15)

**6** (p. 16)

**7** (p. 17)

**8** (p. 18)

**9** (p. 19)

**10** (p. 20)

**11** (p. 21)

**12** (p. 22)

## RESUMO

Na igreja de S. Miguel, no lugar de Castro Roupal, freguesia de Vinhas, registou-se, em Agosto de 2004, durante os trabalhos de inventariação do património histórico-artístico do concelho de Macedo de Cavaleiros, um núcleo de pintura mural a fresco que se encontra inédito.

O núcleo de pintura mural situa-se no interior da cabeceira da igreja, na parte semicircular da mesma e ocupa uma área superior a 9 m<sup>2</sup>.

A razão pela qual o fresco desta igreja permaneceu desconhecido até hoje foi, por um lado, estar a coberto por um retábulo de talha dourada e policromada de estilo barroco, da primeira metade do século XVIII, por outro, ter sido dissimulado com a impregnação rápida de uma solução composta por água e cimento.

A datação provável para esta pintura mural é fixada na primeira metade do século XVI. Para determinar a datação avaliou-se o estilo, a modelação do figurino, o grafismo da inscrição encontrada, bem como a proposta de leitura à própria inscrição.

A temática religiosa da composição é ainda desconhecida, porém pelos poucos elementos que se conseguiram reunir crê-se tratar, na representação central, do apóstolo S. Mateus e nas composições laterais, um grupo de quatro santos e, logo acima, um anjo. Porém, neste campo, tratam-se apenas de algumas hipóteses e não de soluções definitivas e encerradas.

Dado o elevado valor artístico, patrimonial e histórico deste núcleo de pintura mural, condizente com a sua antiguidade e raridade, interessará aos vários organismos públicos e privados, particulares e colectivos, inseridos no concelho e fora dele, garantir a integridade e a conservação desta distinta composição, com o propósito de tornar este núcleo visitável.

## RELATÓRIO

A igreja de S. Miguel, no lugar de Castro Roupal, freguesia de Vinhas, concelho de Macedo de Cavaleiros, localiza-se a Sul do aglomerado habitacional e à margem deste, numa encosta pronunciada assente numa plataforma artificial que se estende para Este, formada por depósito de xisto, granito e terra e circunscrita por muro em alvenaria mista (granito e xisto), rebocado e pintado.

A igreja de S. Miguel é composta por seis volumes assimétricos e escalonados, dois principais, a que correspondem a nave e capela-mor, e quatro secundários ou satélites, a que correspondem o lavabo, a sacristia, a capela lateral e a capela baptismal, alinhados ao longo da fachada Sul da nave e capela-mor.

A actual igreja de S. Miguel é o resultado de várias campanhas de construção que ao longo dos anos foram ocorrendo. Apesar da maioria das estruturas ter sido realizada durante o século XVIII, dando suporte a requisitos estilísticos barrocos (mínimos), ligados à volatilidade das formas, distinguíveis sobretudo na fachada que se eleva acima da empena com o campanário de dupla ventana, a igreja conserva ainda elementos pictóricos de suporte arquitectónico anteriores a essa data, com origem na primeira metade do século XVI.

A cabeceira semicircular, como a que encontramos na igreja em foco, terá caído em desuso em Portugal a partir do início de quinhentos, portanto no século XVI, após ter concorrido directamente e durante séculos com a cabeceira de planta recta. Esta prática foi quebrada com a absorção de novos ideais de construção por parte dos arquitectos do século XVI. A nova concepção arquitectónica procurava a simetria e a regularidade das formas, mas a cabeceira semicircular não se ajustava a esse desígnio, era um composto de linhas rectas e curvas.

No distrito de Bragança são raros os exemplos de igrejas com cabeceira semicircular, conhecem-se os casos da igreja do Mosteiro de São Salvador, em Castro de Avelãs, e da igreja do Convento de São Francisco, em Bragança. Outros casos semelhantes que possam existir no distrito, mas que por desconhecimento não se contabilizam, não deverão exceder a meia dezena. Deste modo, a existência de uma igreja com cabeceira de planta semicircular, com origem nos séculos XV e XVI, deverá mobilizar as atenções de todos os organismos do concelho para a importância histórica e artística que detém e se reconhece, no sentido de proteger o seu futuro.

Igualmente raros no distrito são os núcleos de pintura mural, justamente na cabeceira semicircular da igreja de S. Miguel de Castro Roupal registou-se, em Agosto de 2004, nos trabalhos de inventariação do património histórico-artístico do concelho de Macedo de Cavaleiros, promovidos pela Associação “Terras Quentes”, pelo Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pela entidade Municipal, um núcleo inédito de pintura mural a fresco.

Este núcleo de pintura mural, que se crê da primeira metade do século XVI por razões que oportunamente se explicitarão, situa-se no interior da cabeceira da igreja e na parte semicircular da mesma. Está oculto em toda a sua área por um retábulo em talha dourada e policromada com elementos arquitectónicos barrocos muito alterados durante o século XX em campanhas de consolidação de estruturas, as mesmas que aceleraram em certas áreas da pintura mural a degradação e a queda dos estratos que servem de suporte (**fig. 1**). A distância máxima entre a superfície da pintura mural e o retábulo é cerca de 70 cm, enquanto que a mínima é cerca de 10 cm (**fig. 2**). Estima-se, por defeito, em nove metros quadrados (9 m<sup>2</sup>) a área coberta pela pintura mural. Obteve-se este resultado tomando como referência as áreas onde os vestígios de pintura mural se tornavam evidentes e, na fase seguinte, consideraram-se igualmente as áreas ocultas, truncadas ou não, afectas e próximas destas.

O estado de conservação da pintura mural é no geral muito mau. Em certas áreas houve destacamento e queda de fragmentos com dimensão superior a 30 cm de diâmetro, ficando à vista o aparelho em xisto da parede (**fig. 3**). Noutras áreas verifica-se que houve a intenção em dissimular as pinturas com uma solução aquosa de cimento, algo que ocorreu décadas atrás. Noutras áreas porém, é possível ver e perceber perfeitamente algumas formas e elementos que integram este núcleo de pintura mural, sendo apenas necessário a limpeza e consolidação dos materiais (**fig. 4**).

É fixada a primeira metade do século XVI como datação provável para este núcleo de pintura mural, havendo quatro razões para este julgamento, o estilo, a modelação das figuras, o grafismo da inscrição encontrada na base da composição central e, por último, a proposta de leitura à própria inscrição. Relativamente ao estilo e à modelação dos figurinos percebe-se o apego ao estilo gótico, mas já tardio, tanto nas linhas que definem os rostos do anjo e dos anjos, como na aplicação nimbar nos últimos. A proposta de leitura vai um pouco mais além na datação e fixa a produção da pintura mural na década de 30 do século XVI (**fig. 5**).

A temática que o núcleo encerra não está, até ao momento, esclarecida, dado que aquilo que se vê de forma clara não chega a ser suficiente para esclarecer definitivamente esta questão. No entanto, é possível adiantar algumas possibilidades com base no pouco que se conhece.

Determinamos que a pintura mural tem dois níveis, um nível inferior, que é totalmente decorativo, preenchido por motivos vegetalistas, e um nível superior com cinco corpos em três eixos. Apesar de serem visíveis apenas três corpos em dois eixos, consideramos que a composição no nível superior não seria assim composta. O corpo de maior dimensão está situado precisamente no eixo da cabeceira, enquanto que os outros dois corpos ocupam uma posição lateral, apenas isto indicia que existe ou já existiu dois outros corpos no lado esquerdo e que se encontram ocultos. Por outro lado, a prática artística não promove a desarmonia ou o desequilíbrio da composição, o que se verificava caso não existissem os dois corpos em falta (**fig. 6**).

No centro da composição percebe-se a silhueta de uma pessoa do sexo masculino, ricamente vestida com manto branco com fímbria dourada sobre a túnica de tons claros (**fig. 7**). Junto ao seu pé, no canto inferior direito, vê-se nitidamente um pequeno saco, de cor clara, atado, não se adivinhando o conteúdo e, num plano posterior, entrevê-se um objecto com formato de meia-lua (**fig. 8**). Dos membros superiores da figura, apenas se distingue a mão no lado esquerdo (**fig. 9**). O que de resto se vê levanta muitas dúvidas para merecer atenção, no entanto atendendo aos poucos atributos iconográficos tidos como certos depreende-se que o corpo central pode ter representado o apóstolo S. Mateus.

No lado esquerdo da composição existem duas áreas pictóricas distintas, uma inferior, onde são visíveis quatro rostos de figuras nimbadas (**fig. 10**), sendo que a terceira (**fig. 11**), a partir da esquerda, é representada com aquilo que julgamos ser um barrete de clérigo de cor escura (castanho), e outra superior, onde é representado o que parece ser um anjo (**fig. 12**). Sobre o grupo nimbado não podemos adiantar qualquer hipótese de identificação sem conhecer outros aspectos ou particularidades da composição.

O pouco que se conhece do núcleo de pintura mural da igreja de S. Miguel, em Castro Roupal, permite inferir que se trata de um núcleo de acentuado valor artístico, patrimonial e histórico, encarecido pela datação recuada e por ser pouco comum não apenas no Distrito, mas em todo o país. Por estas e outras razões, vemos todo o interesse em submeter o núcleo de pintura mural a fresco encontrado a campanhas de

conservação e restauro, no sentido de tornar o referido núcleo visitável. Entretanto, dever-se-á pensar na forma menos lesiva de intervir, como avançar o retábulo em talha dourada e policromada barroco, criando espaço suficiente para que um grupo restrito de pessoas possam, com algum conforto, visitá-lo.



## CONCLUSÃO

Pelas razões extraordinárias que se apontaram ao longo deste relatório, tais como: primeiro, o facto de o núcleo de pintura mural estar inserido numa estrutura arquitectónica que remontará aos últimos anos do século XV, inícios do século XVI, única no concelho e pouco frequente no distrito, marco vivo da transição estilística que se operou nesses primeiros anos do século; em segundo lugar, a qualidade plástica e estilística de merecida nota que sobressai do pouco que se pode analisar com algumas certezas e que indicia tratar-se dum importante núcleo de arte parietal; e por último, a dinâmica que a composição encerra, com três áreas visíveis (de cinco) e temas distintos com uma dimensão espacial significativa, por tudo isto e por outras razões que ambicionam o seu correcto estudo e a prática turística, tornam prioritária a necessidade de restauro deste núcleo pictórico na igreja de S. Miguel, na localidade de Castro Roupal.

## **Imagens**

**Figura 1**



**Figura 2**



**Figura 3**



**Figura 4**

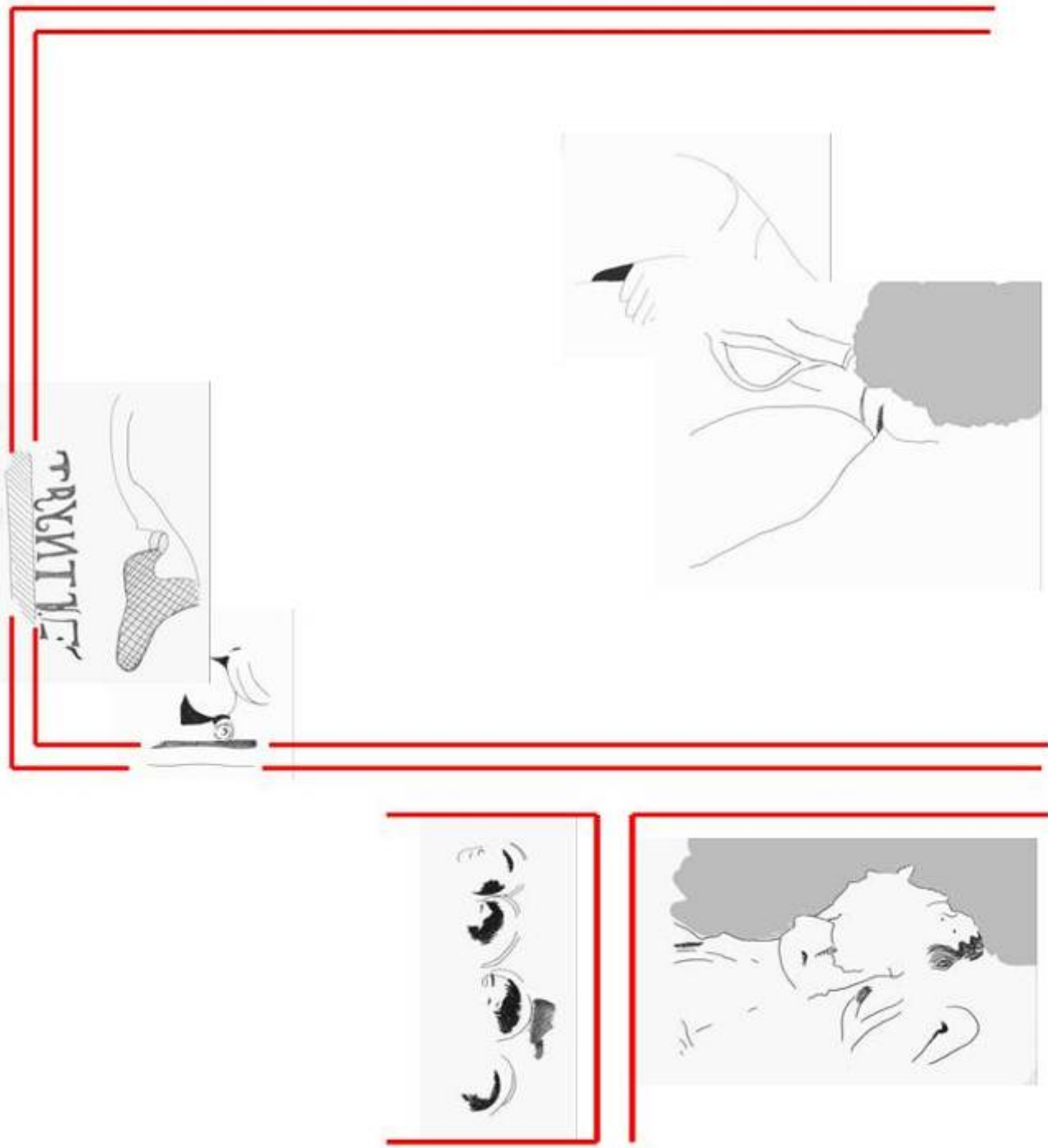


**Figura 5**



Fig. 6

Montagem dos elementos chave a partir do decalquede fotografias.





**Figura 7**



**Figura 8**



**Figura 9**



**Figura 10**



**Figura 11**



**Figura 12**

